

A FORMAÇÃO DAS RELAÇÕES TOPOFÍLICAS A PARTIR DO AMBIENTE ESCOLAR

Dariane Raifur Rossi¹

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vem sendo realizada com as turmas “90” (primeiro ano do Ensino Médio) do Colégio de Aplicação, na cidade de Porto Alegre/RS e busca investigar sobre as relações topofílicas, ou seja, os laços afetivos que os alunos estabelecem com os lugares dos quais são integrantes.

Para este trabalho serão apresentados resultados da pesquisa desenvolvida com os alunos até o presente momento.

Sabendo-se da diversidade de fatores que geram e influenciam o processo social, cultural, técnico e pessoal, foram pensados alguns questionamentos para embasar a proposta da pesquisa junto aos alunos:

- O colégio de Aplicação pode ser considerado um ambiente de relações topofílicas?
- Com que lugares os alunos estabelecem relações topofílicas? E por quê?
- Como os alunos gostariam de expressar e comunicar essas relações topofílicas?

Estes questionamentos têm sua origem nas fontes bibliográficas consultadas bem como na proposta pedagógica desenvolvida em sala de aula. Seu objetivo é delimitar os enfoques relevantes do conhecimento geográfico para o desenvolvimento de valores e atitudes sensibilizadoras, norteando a formação de “sujeitos cidadãos”.

O primeiro questionamento indaga sobre a importância do sujeito e do estudo do lugar. O conceito do lugar, neste trabalho, equivale a compreender o que acontece no espaço onde se vive e compartilha a vida em comum. Nesse caso, Santos (1997, p.14) expressa que o estudo do lugar é fundamental no ambiente escolar, pois “constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as diversas pessoas e são a base da vida em comum”, contribuindo assim na construção perceptiva do aluno da sua realidade local e global.

O segundo questionamento relaciona-se à vivência do aluno, não só no espaço escolar, mas também na sociedade. Neste sentido, o ensino de Geografia pode colaborar para uma formação de conceitos e atitudes que ampliem a capacidade desses alunos de compreenderem o mundo em que vivem de forma mais crítica e participativa. Nesse caso, compartilhamos o pensamento de Cavalcanti (2002, p. 33) que diz: “Refletir sobre a construção de conhecimentos geográficos no espaço escolar é o papel fundamental da Geografia para a vida dos alunos”. A importância de tal reflexão se expressa em uma construção participativa destes conhecimentos, visando ampliar as percepções do aluno quanto ao papel que ocupa nos espaços em que vive e quanto às relações deste espaço no contexto de sua cidade, estado, país e mundo.

Esta perspectiva da autora sobre a importância do vínculo afetivo com o ambiente nos reporta ao pensamento de Tuan (1980), que contribui para ampliação do conhecimento geográfico, quando propõe que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar, encarada como herança, um legado a ser preservada, uma memória que pode ser tanto individual quanto social e reaparece nas relações pessoais com a simbologia do espaço vivido”. Tais laços de afetividade que ligam o homem ao lugar vivido despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e/ou escritas do cotidiano.

¹ Professora de Geografia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Geografia pela mesma universidade. E-mail: dariane.rossi@gmail.com

Esta importância traduz-se na necessidade de uma orientação que seja, ao mesmo tempo, didática e científica que desperte a conscientização do aluno sobre sua condição de indivíduo formador do mundo que o cerca e que é, ao mesmo tempo, formado por este meio. A descoberta de seu lugar no contexto social e ecológico e a compreensão da sua interatividade com estes ambientes são primordiais para a formação de uma personalidade ativa e participativa do jovem. Este aprendizado escolar é, em última análise, o elemento essencial para o despertar da consciência de ser possuidor da condição de "cidadão".

O terceiro questionamento aborda a concepção que o aluno tem sobre a paisagem, procurando, com isso, relacionar as diferenças existentes entre seus diversos tipos, as atividades econômicas e as características culturais existentes.

A externalização destas percepções se dá, muitas vezes, nas manifestações criativas, observadas pela prática em sala de aula, que podem ser orientadas e exploradas através de atividades que conduzam ao estudo de conceitos geográficos, no caso, a paisagem. Através de elementos lúdicos, táteis e artísticos, estas atividades podem ser desenvolvidas com desenhos, maquetes, mapas, seleção e produção de imagens e textos.

Para que tais assuntos sejam abordados de forma construtiva para o aluno, é necessário que se tenha domínio dos conceitos que se busca explorar. No estudo do conceito de *paisagem*, Suertegaray (2000, p.22) traz uma revisão das construções a respeito do tema e sintetiza da seguinte forma: "a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito". Esta paisagem pode ser compreendida a partir de dois elementos complementares: a sua forma e a sua funcionalidade, ou seja, sob o ponto de vista físico e sob o ponto de vista cultural, social e econômico das relações humanas. Nesse caso, o estudo da paisagem deve ser apresentado ao aluno de forma escalonada, partindo de suas percepções imediatas e subjetivas e conduzindo-o até conceitos mais amplos.

De acordo com Tuan (1980), na percepção ambiental da paisagem estão intrínsecos os laços entre o meio ambiente e a visão de mundo do homem. A percepção ambiental é individual, e neste processo de interação há uma variedade de elementos que estão envolvidos na percepção. O autor define a percepção como:

tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980, p.4).

Tendo em vista esta abordagem, a percepção ambiental do ser humano ocorre através dos estímulos polissensoriais, e mesmo de modo inconsciente, o homem percebe e interpreta os estímulos do ambiente favorecendo uma produção de conhecimento.

A análise da percepção ambiental pode contribuir para a compreensão dos significados e interesses contidos nas paisagens. As interpretações sobre as paisagens são diferentes, pois estão relacionadas com a forma que cada indivíduo percebe o mundo. Assim, a percepção ambiental dos alunos que participam deste estudo não é a mesma de alunos de outra escola, porque cada um possui elementos para perceber o mundo de acordo com sua experiência e o seu lugar de vivência.

Dentro da perspectiva do estudo da paisagem e acentuando o lugar como ponto de partida da "centração" do sujeito e suas percepções, elege-se um conceito exposto por Castrogiovanni (2000, p.17) em que "é preciso fazer a distinção entre o espaço de ação, ou perceptivo, e o espaço representativo", pois no primeiro momento se estabelece e constrói um vínculo com o objeto, enquanto que no segundo momento, o da representação, essa ocorre de forma abstrata e reflexiva. Ainda expressando a idéia do autor, coloca-se que a "construção das relações espaciais requer a interação

do sujeito com o meio em que vive" (*Ibidem*, p. 22). Dessa forma, o educando terá uma apreensão mais significativa e reflexiva dos seus conhecimentos.

A construção do conceito de ambiente permite ao aluno a compreensão da dinâmica da natureza, das relações entre seus elementos, e a percepção de sua diversidade e permanente transformação. Nesse item, resgata-se o conceito apresentado por Rego (2000, p. 7) sobre o significado de Ambiências:

conjunto dentro de conjuntos, vasos comunicantes, formando a idéia de teceduras concêntricas nas quais, no centro, localizam-se em cada situação determinados sujeitos coletivos/individuais em comunicação com a geografia das redes em torno, condicionando essas redes e sendo condicionados por elas.

Para que isso ocorra de forma mais estruturada, completa e vinculada ao interesse dos alunos é importante a relação da Geografia com outras áreas de conhecimento e, nesse caso, apropriamo-nos do que escreve Goulart (2003, p.167): "É possível encontrar as interfaces da Geografia com as demais áreas do conhecimento de forma menos fragmentada, buscando a totalidade sem perder o sentido e o papel das partes."

Sob essa ótica, a escola proporciona os elementos ideais para educar a intersubjetividade e pertencimento, ou seja, um ambiente onde o educando, através do diálogo, possa produzir saberes através de um olhar crítico da sua realidade.

2- OBJETIVOS

As ações tiveram por objetivos: a) delimitar os enfoques relevantes do conhecimento geográfico para o desenvolvimento de valores e atitudes sensibilizadoras, norteando a formação de "sujeitos cidadãos". b) produzir o registro e a leitura que os alunos percebem e expressam da escola e como são estabelecidos os laços afetivos neste lugar.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa propõe uma prática pedagógica que busca, sempre que possível, privilegiar as dimensões subjetivas do aluno por intermédio da valorização de sua experiência de vida e dos conhecimentos que possui e percebe sobre a realidade.

3.1. Caracterização da escola

A escola se localiza, desde 1996, no Bairro Agronomia, na cidade de Porto Alegre e compõe uma unidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, atendendo o ensino fundamental, o ensino médio e a educação de jovens e adultos - EJA. Nela estudam um total 652 alunos, provenientes de vários bairros da cidade e também de municípios vizinhos. Quanto aos aspectos físicos, considerando-se as características de uma instituição de ensino pública, a escola possui infra-estrutura necessária para seu funcionamento. Chama a atenção a composição dos prédios com a vegetação do Campus do Vale, bem como a arborização e pequenos jardins espalhados pelo pátio. Quanto aos aspectos pedagógicos, a escola destaca-se pelos múltiplos projetos nela desenvolvidos, como o projeto Unialfas (educação infantil), Amora (ensino fundamental: 5ª e 6ª séries), EJA e PROEJA (educação de adultos) e os vários cursos de extensão oferecidos para comunidade em geral.

3.2. Coleta e análise dos dados

A presente pesquisa teve início em março de 2007, durante as aulas de Geografia, envolvendo noventa alunos das turmas 91, 92 e 93 (primeiro ano) do ensino médio. A idade dos alunos variou de 13 a 17 anos.

A escolha da série apoiou-se nos estudos Tuan (1983, p.34), para quem o horizonte geográfico de uma criança ou jovem amplia-se à medida que esta cresce, sendo ela capaz de atribuir significados aos objetos do meio, de apegar-se ao lugar e localizar os lugares com maior precisão. Neste sentido, os alunos nesta faixa etária são capazes de fazer uma análise mais sofisticada, de colocar um lugar no seu contexto geográfico maior, interpretar os objetos do meio e compreender como eles funcionam.

Como instrumentos para investigar as representações dos alunos com relação ao termo “paisagem”, assim como a percepção das paisagens e as relações topofílicas, foram estabelecidas algumas atividades e a pesquisa foi realizada em duas etapas iniciais.

Na primeira etapa, foram realizadas entrevistas com os alunos, onde estes preencheram um questionário com os seus dados pessoais e responderam a duas perguntas:

- 1) *Descreva de forma breve como você percebe a paisagem da escola?*
- 2) *Escreva os aspectos que você mais gosta no bairro da escola e os que poderiam ser melhorados. Justifique suas respostas.*

Na segunda etapa, foram necessários dois períodos de Geografia, sendo um para escolha de como os alunos gostariam de mostrar a paisagem da escola e o outro período para produção textual. Deveriam também apresentar o motivo da escolha, a composição de elementos que formam a paisagem e por fim o que transmite essa paisagem. Os alunos escolheram produção fotográfica pela praticidade e pela possibilidade de uma melhor localização e representação dos elementos da paisagem. No período destinado para o registro fotográfico os alunos optaram pelo trabalho em grupo e dividido pelas afinidades pessoais, sendo assim a turma 91 continha oito grupos, a turma 92 nove grupos e a turma 93 nove grupos, cada grupo variava de três até cinco pessoas. No pátio da escola, cada grupo conversou e escolheu o melhor ângulo para representação do seu registro fotográfico. Feita a escolha da paisagem e de quem do grupo seria o fotógrafo, cada grupo partiu para a realização da sua fotografia. Quando todos os grupos concluíram, retornaram para sala de aula para combinar o momento seguinte que seria a produção textual e apresentação da foto. A análise das produções textuais com a foto da paisagem baseou-se no levantamento das principais temáticas já comentadas e que priorizassem a reflexão das concepções e representações do grupo.

3.3. Representações de paisagem com base na análise dos dados

Concluídas as produções textuais com base nos registros fotográficos, as mesmas foram divididas em dois grupos: “paisagem natural” e “paisagem natural e construída”. Foi, então, solicitado aos grupos que classificassem seus textos dentro de um desses parâmetros, de forma a avaliar a interpretação que os alunos davam sobre os elementos por eles percebidos.

Para exemplificar os conceitos dos alunos sobre o tema, são feitas transcrições literais de algumas das respostas das entrevistas. De acordo com a análise, observa-se que os alunos apresentaram uma variedade de representações sobre sua percepção da “paisagem”, que foram categorizadas da seguinte forma:

Paisagem natural:

- *“A paisagem da escola é bonita, por ter muita variedade de plantas”.*(aluna C. t. 91).
- *“A paisagem é chamativa, com vários tipos de vegetação”.*(aluno L.- t. 92).
- *“Eu acho uma boa paisagem, porque apresenta muitos elementos da natureza, que eu gosto, como as árvores e flores”.*(aluna L. t. 91).
- *“É tudo muito verde e com uma integração entre natureza e construções”.* (aluno D.- t. 92).
- *“A paisagem da escola é repleta de áreas verdes, com uma grande variedade de árvores que podem ser vistas no pátio”.*(aluna P. – t. 93).
- *“Legal, me agrada muito observar essa paisagem rodeada pelo verde”.* (aluna A – t. 93).
- *“Eu percebo que a paisagem da escola ainda tem muitas árvores e isso é muito bom, pois é bom estudar no meio da natureza”.*(aluna I – t. 92.).

Paisagem natural e construída:

- *“A paisagem do colégio é muito diversificada, assim como tem muitos prédios, também tem bastante vegetação”.*(aluna M. – t. 92).
- *“Eu acho a paisagem interessante, porque se vê que a escola está integrada com a natureza, é bonito ver a escola em meio às árvores”.*(aluna B. - t. 91).
- *“Eu percebo a paisagem da escola como mista, pois possui muitas árvores e prédios”.*(aluno E. – t. 91).
- *“A paisagem da escola para mim é muito natural e bonita. É composta por muitas árvores e alguns animais domésticos. Mas existem vários prédios de coloração amarelada que complementam este cenário”.*(aluna L. – t. 92).
- *“Bastante natural, ou seja, com muitas árvores e muito verde, mas também tem intervenção do homem, através das construções”.*(aluno J. – t.91).
- *“Percebo que a paisagem da escola é diferenciada, pois temos elementos naturais (árvores, arbustos) e elementos construídos (prédios). Acredito que houve pouca intervenção do homem neste lugar”.*(aluna A – t. 93).
- *“A paisagem da escola, relacionada com outras paisagens, que hoje em dia estamos ‘acostumados’ a ver, é bem natural. Pois ainda encontramos muito verde ao lado dos prédios”.*(aluna P. – t. 93).

Percepção da paisagem pelos alunos - o que gostam e o que deve ser melhorado

Com base nas respostas apresentadas pelos alunos foi possível destacar certos elementos que, em suas percepções, são caracterizadoras do local estudado.

Sobre estes elementos, aqueles que os alunos mais gostam e os que devem ser melhorados podem ser sintetizados da seguinte forma:

Valorização do verde:

Neste quesito, em todas as entrevistas, os alunos foram unânimes em reconhecer a importância de uma paisagem tão arborizada na escola e no seu entorno, pois proporciona uma sensação de tranquilidade e favorecimento de uma biodiversidade para estudo no ambiente escolar.

Infra-estrutura:

Nas entrevistas, foram elogiados, pelos alunos, os vários espaços da escola, como as áreas para práticas esportivas (campo e quadras), laboratórios, teatro, pátio geral, acesso fácil, transportes e a composição do construído com a natureza.

Isolamento de centro de Porto Alegre:

Neste item, houve uma divisão de opiniões pelo grupo de alunos, pois dentre os noventa entrevistados, quarenta e cinco alunos registraram que a escola fica muito distante e isolada e que esse problema poderia ser solucionado com a construção de centros comerciais ou até um shopping, bem como uma maior atenção com a segurança local. Vinte alunos pensam que a escola fica isolada, mas não consideram isto um problema, pois favorece a concentração nos estudos; dez alunos não gostam do isolamento porque dependem de mais de um ônibus para chegar à escola; quinze alunos consideram o isolamento favorável para preservação da natureza e agitação das áreas mais centrais.

Segurança nas proximidades da escola:

Para todos os alunos entrevistados o quesito segurança foi citado como o de maior preocupação e indicado como o que deve ser melhorado na escola e nas áreas próximas. Relatam que o Campus onde a escola está inserida é afastado, e a Avenida Bento Gonçalves, onde fica o terminal dos ônibus, é um local visado e onde ocorrem assaltos com frequência por falta de policiamento.

Poluição do ambiente:

O outro elemento mencionado foi a poluição, pois os alunos entrevistados consideram que na Avenida Bento Gonçalves, próxima da escola, é suja pelos pedestres e pelos veículos que transitam por ela, tornando-a feia. Sugeriram uma campanha para conscientização e limpeza.

3.4. Registros fotográficos

Para o trabalho do registro fotográfico, os alunos organizaram-se em grupos, para a produção das fotos e, após, a composição dos textos. Para este artigo, buscou-se apresentar alguns exemplos das opiniões desses grupos sobre os aspectos que foram solicitados (Figuras 1, 2 e 3). Observa-se nas produções textuais que, apesar das diferentes opiniões, os grupos conseguiram retratar suas percepções e demonstrar seus vínculos afetivos dentro do ambiente escolar.



Figura 1: fotografia tirada pelos alunos: A., C., J.P., R. e R. da turma 91. A justificativa dada por eles foi: *“a foto foi tirada em frente ao Colégio de Aplicação. A paisagem retrata tanto elementos naturais quanto humanos. Escolhemos esta paisagem, porque queríamos retratar itens da natureza e feitos pelo homem juntos. A paisagem transmite a diversidade do local e quando analisamos sentimos uma sensação de tranquilidade”*.



Figura 2: fotografia tirada pelas alunas: A, M. e P. da turma 92. Sua produção textual diz: *“O local do Colégio de Aplicação onde tiramos a foto, mostra a pracinha e ao fundo o estacionamento dos carros. A nossa foto tem vários elementos naturais e também construídos. O motivo da escolha foi porque é uma paisagem agradável, calma e é linda. A paisagem escolhida transmite realmente saudade das brincadeiras na pracinha da Escola”*.



Figura 3: fotografia tirada pelos alunos: B., F., R. e A da turma 93. Em seu texto escrito escreveram: “a foto tirada no Colégio de Aplicação foi do estacionamento que fica perto da quadra das Alfas. Queríamos uma foto que representasse algo para nós. Essa foto mostra sentimentos como paz, tranqüilidade quando olhamos para o morro e quando olhamos para o estacionamento alegrias. São dois tipos de alegrias, uma quando chegamos na escola para ver os amigos e aprender coisas novas e quando voltamos para casa, para ver a família e outros amigos. Nessa paisagem podemos perceber elementos naturais e modificados pelo homem”.

Nessas atividades, vários aspectos foram abordados, destacando-se o entendimento sobre a paisagem e as percepções construídas a partir do tema. É significativo salientar que o entendimento conceitual e as relações construídas são definidos em função de pontos de vista individual e coletivo, que dizem respeito a um aspecto *cognitivo*, pelo qual os indivíduos, a partir de seus interesses e necessidades, estruturam e organizam sua interface com o real e o mundo.

3.5 – Produção digital da paisagem do ambiente escolar

Para o desenvolvimento dessa nova etapa da pesquisa, os alunos continuaram trabalhando nos mesmos grupos já organizados nas fases anteriores.

Os alunos externaram sua preferência em realizar as atividades em grupo porque oportunizaria uma maior troca de opiniões e todo trabalho foi realizado fora dos períodos normais de sala de aula.

Como a pesquisa se ampara nas subjetividades dos alunos, os processos de aprendizagem colaborativa tornam-se mais favoráveis à construção do conhecimento em um ambiente no qual os alunos compartilham suas próprias compreensões e as negociam.

Sob essa perspectiva, foi levado em consideração o que aborda Vygotsky (1984, p. 18) “que a maior parte da aprendizagem é construída a partir de relações sociais, e que mediante a conversa e o diálogo, os alunos chegam a sua própria compreensão de um conceito ou conhecimento”.

Na realização do trabalho colaborativo para produção da revista digital do CAP ficou bem evidenciado que os alunos com maiores possibilidades de interação possuem atitudes mais positivas e altos níveis de realização.

Os passos seguintes foram desenvolvidos em cinco etapas, sendo que em cada uma das etapas os alunos enviariam os resultados preliminares por *e-mail* para

professora para as devidas correções e, semanalmente, os grupos que precisassem de auxílio seriam atendidos em horários pré-estabelecidos.

A primeira etapa de trabalho consistiu na construção do questionário pelos alunos para pesquisa etnográfica, que envolvia pesquisa nos históricos do colégio e entrevistas com pessoas que trabalham no colégio desde a sua transferência para o Campus do Vale. Cada grupo construiu seus questionários e repassou para professora que verificou as questões levantadas e fez as correções do material.

Após as correções e comentários sobre cada material, os grupos iniciaram as suas pesquisas e entrevistas, que foram realizadas em um prazo de quinze dias.

Na sequência, os alunos tabularam os dados das entrevistas e produziram um pequeno texto com os comentários sobre essas informações, que foi repassado para professora fazer a correção geral. Com o material textual corrigido, os grupos foram orientados para a produção inicial da revista. Esse processo de tabulação, elaboração do texto e correções foi finalizado com quinze dias de trabalho.

A segunda etapa consistiu em apresentar a localização do colégio, sendo assim, os grupos optaram por usar as imagens disponíveis no *Google Earth* (www.earth.google.com) porque apresenta a imagem do Colégio dentro do Campus e os seus arredores, o que favorece a visualização em alta resolução e com possibilidades de uma análise da paisagem global do espaço estudado e vivenciado. Essa etapa foi desenvolvida pelos grupos durante um mês.

Na terceira etapa, também com duração de aproximadamente um mês, os grupos fizeram vários registros fotográficos de diferentes locais do Colégio que, em seu entendimento, fortalecem os seus vínculos afetivos com o ambiente. Através desses registros, os alunos relatam os sentimentos que são proporcionados ao visualizarem cada uma dessas paisagens coletivamente.

Na quarta etapa, com duração de um mês de trabalho, os grupos abordam as expectativas que cada um nutre a respeito do Colégio desde seu ingresso até o momento atual. As expectativas foram escritas em forma de texto e com produção individual de cada membro do grupo por considerarem esse momento mais reflexivo e particular de cada um. No relato, os integrantes do grupo procuraram colocar todas as transformações que passaram na sua vida escolar, buscando elencar o que consideraram positivo e o que acreditam que deve ser melhorado no Colégio de Aplicação.

Nesta parte da pesquisa, já ficaram evidenciados os lugares com os quais os alunos estabelecem vínculos afetivos mais fortes e os motivos dessa afinidade.

A quinta etapa da pesquisa, que envolveu seleção de imagens, músicas e vídeos, foi uma sugestão dos grupos durante os atendimentos individualizados com a professora, que apresentaram vários registros de momentos vividos no colégio que marcaram sua vida escolar, mas que foram captados em anos anteriores ao da pesquisa.

Como a pesquisa foi concebida de forma a explorar, sempre que possível, as subjetividades do conhecimento vivenciado pelo aluno, as sugestões propostas foram acatadas pela professora que, nessa etapa, auxiliaria como mediadora nas discussões levantadas por cada grupo em torno da elaboração da revista.

Ficou determinado que cada grupo organizaria as imagens fotográficas e os vídeos que utilizariam na composição da sua revista digital.

Para o quesito musical, os grupos apresentaram opiniões distintas, pois alguns queriam captar e produzir um som próprio do colégio e outros gostariam de usar músicas do cotidiano para representarem os sentimentos evocados pelo ambiente em questão no trabalho que estava sendo realizado. Foi acordado coletivamente, então, que cada um dos grupos apresentaria a composição musical que melhor se adaptasse a sua proposta.

Nessa parte da pesquisa, cada grupo procurou desenvolver seus trabalhos no prazo de um mês e já anexando essas construções no corpo da revista.

Terminada a tarefa, os grupos começaram entregar os trabalhos digitalizados para correção final. Tendo as correções sendo finalizadas pela professora, foi marcado

um dia para as apresentações em formato de seminário. Cada apresentação respeitava os horários de aula das turmas envolvidas e os colegas, individualmente, faziam uma apreciação dos trabalhos expostos de cada uma dos grupos.

Ao término dos seminários, foram recolhidas as revistas digitais para uma nova análise a ser realizada pela professora e devolvidas para os grupos as revistas com complementações a serem feitas, conforme as sugestões dos colegas levantadas nos seminários.

Para contemplar todos os trabalhos, no decorrer do ano de 2008, as revistas foram sendo disponibilizadas no site do Colégio de Aplicação, no seguinte endereço eletrônico: www.cap.ufrgs.br.

3.6 – A construção de maquetes

A construção de maquete como recurso didático é amplamente referenciada na literatura especializada pela sua característica lúdica, que se traduz na materialização das percepções subjetivas dos alunos sobre um local ou objeto.

Conforme Castrogiovanni (2000, p.75) “a maquete passa a traduzir o próprio espaço da ação/ interação do sujeito/ aluno cidadão. O seu cotidiano passa a sofrer novas reflexões e representações”.

A atividade de construção de maquetes foi um recurso muito bem recebido pelos alunos, que poderiam representar os lugares no colégio onde estabelecem seus laços afetivos, porém levando em consideração a forma tridimensional e os aspectos reflexivos e lúdicos que envolvem o trabalho.

Conforme solicitação dos próprios alunos, a organização dos grupos de trabalho manteve as combinações feitas, anteriormente, para a atividade da revista digital.

Além de bastante apreciado pelos alunos, o trabalho com maquetes demonstrou enriquecer a representação da realidade que os rodeia que, através da troca de idéias, sempre visualizam novos planos e valores dos lugares escolhidos.

A construção tridimensional favorece, ainda, a aprendizagem de conteúdos de outras disciplinas e apropriação de novos conceitos, assim como o desenvolvimento da iniciativa individual em vivência grupal, por tratar-se de atividade onde todos se sentem integrados e participantes.

Uma outra constatação dos grupos de trabalho na atividade com maquetes refere-se à oportunidade de manipularem materiais diferenciados o que amplia o estabelecimento de relações de forma, tamanho, peso, volume e textura. Outro aspecto também colocado pelos grupos de alunos foi que as maquetes não precisam ser de materiais caros, pois em sua maioria foram construídas aproveitando materiais do seu dia-a-dia, facilmente encontrados em casa, estimulando, com isso, a inventividade e espírito criativo.

A contribuição desta atividade para o trabalho com os alunos foi a concretização do pensar, do perceber, da imaginação e da fantasia ao qual recorreram para poderem representar suas maquetes, além de agregarem o lúdico nas suas criações.

As práticas lúdicas, aqui representadas pela construção tridimensional, são bem vindas porque os alunos em questão são do no ensino médio e nem sempre tem a oportunidade de realizar esse tipo de trabalho no dia-a-dia da sala de aula.

Os alunos utilizaram-se do conhecimento que já tem de si e do mundo, e estabeleceram relações cognitivas e sensíveis para construção desses objetos que representam seus lugares de vivência.

Durante a fase de elaboração e detalhamento das maquetes, a participação oportunizou uma maior autoconfiança dos grupos e notadamente uma melhor expressão dos sentimentos, espírito crítico e gosto estético.

Para os alunos, tornou-se muito importante o resultado da atividade de produção das maquetes, as experiências que puderam vivenciar nos grupos e no processo de construção e representação conceitual como um todo.

A seguir, serão mostradas algumas maquetes produzidas pelos grupos e suas considerações sobre os lugares escolhidos.



Turma 91 – A.; A. e N.

O lugar representado na nossa maquete refere-se a uma das partes do saguão de nossa escola.

Escolhemos esse lugar para fazer nosso projeto devido às sensações que ele nos causa. É neste local que passamos nossos recreios conversando. Neste “banco” que aparece na maquete, segredos foram confiados uma a outra, rimos, descansamos e choramos ali, e agora, que o ano letivo (2007) está quase encerrado sentimos a vontade de representar o local de nossas trocas durante todo o decorrer do ano.



Turma 92 – A.; I.; M. e B. W.

Escolhemos o campo de futebol e o refeitório porque gostamos dessa área, pois é lá onde acontecem muitas coisas. A hora do recreio, o almoço e a educação física são os momentos do nosso dia em que utilizamos aquele local. Todos se divertem lá, pois é um lugar aberto, com muitas árvores ao redor fazendo com que nos transmita certa paz. Na OCA os jogos como o futebol acontecem no campo. Nesse momento todos se divertem muito, assistindo seus colegas competirem e torcendo pela sua turma. No refeitório os alunos lancham e às vezes almoçam quando trazem comida de casa. Escolhemos também esse espaço, pois lá ocorrem os momentos de conversas e risadas com nossos colegas.



Turma 93 – D.; F.; Í. e V.

O local que escolhemos foi o refeitório, pois é nele que muitos alunos fazem suas refeições (lanche e almoço), além do mais, se pararmos para observar veremos que o refeitório completa a paisagem do local.

Gostamos deste local, pois ele nos transmite uma certa paz, porque conseguimos ver alguns elementos criados pelo homem em perfeita harmonia com os elementos da natureza.

Achamos que o refeitório, que é uma construção humana, está em sincronia com a natureza do ambiente, formando uma bela paisagem e dando um ótimo exemplo, de que, não é preciso destruir a natureza para fazer construções.

4- RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS

A execução das diversas tarefas solicitadas às turmas deu-se, em geral, de forma organizada, com divisão de trabalho e apresentação de sugestões, buscando sempre apresentar um bom resultado, o que denota o interesse dos alunos pelo tema proposto.

Apesar de algumas atividades fugirem bastante do seu cotidiano de sala de aula, os alunos mostraram-se comprometidos e participativos, trocando idéias e discutindo sobre os temas apresentados. Foi possível observar que as atividades em grupo organizadas em torno de um assunto de caráter mais subjetivo estimulou de forma positiva a interação e a expressão da individualidade entre os colegas.

A qualidade dos trabalhos foi, de forma geral, muito boa e, ainda que envolvesse diversos materiais e mídias (fotos, textos, maquetes, Internet, etc), as dificuldades na execução foram bastante reduzidas, comprovando a viabilidade de projetos desta natureza.

As dificuldades características deste tipo de proposta limitaram-se mais ao seu caráter experimental do que propriamente a obstáculos de ordem técnica. Como exemplo pontual cita-se a revista digital, na qual quatro grupos não conseguiram produzir um som específico do colégio conforme haviam planejado e com isso tiveram que usar músicas do cotidiano para dar sonoridade nas páginas da revista. Tal fato, contudo, foi perfeitamente contornável já que no conjunto da pesquisa foi prevista uma flexibilidade de ação para os imprevistos.

Observando-se o resultado final dos trabalhos, é possível notar que os grupos interiorizaram bem o conceito de relações topofílicas, transportando para suas produções os vínculos emocionais que estabeleceram com o local em estudo. A preferência por certas áreas ou construções específicas para a produção dos registros fotográficos e maquetes, acompanhados da justificativa de tais escolhas em suas produções textuais, demonstra um claro entendimento do objetivo da atividade bem como das relações que a mesma buscou explorar.

Além da percepção e exteriorização destas relações emocionais, os alunos também souberam trazer para suas análises a visão crítica do espaço observado, ressaltando suas qualidades e identificando as características que, em seu entendimento, poderiam ser aprimoradas. Apresentaram, ainda, propostas de melhorias e soluções para os problemas apontados. Com isso, demonstraram a capacidade de convergir sua visão subjetiva do meio com o conhecimento geográfico de sala de aula e aplicá-los na análise de seu espaço vivido.

Os resultados deste trabalho foram alcançados a partir do momento que os alunos se interessaram em participar da proposta, conseguiram produzir um material visual com suas percepções sobre a paisagem da escola e, principalmente, quando perceberam a importância do estabelecimento de laços afetivos com os lugares de convivência e a complexidade das relações topofílicas. Além desses resultados, foi levantado pelos grupos o interesse de trabalhar com a união do conceito de paisagem e a produção de musicalidades, o que pode ser remetido para uma outra abordagem de pesquisa envolvendo o conceito de paisagem sonora.

Como proposta inicial, entendemos que foi possível vislumbrar os benefícios de uma abordagem mais dinâmica e contextualizada no ensino de geografia em sala de aula. A valorização da individualidade do aluno na sua interpretação dos fenômenos e locais estudados, inclusive como elemento norteador da didática aplicada, nos permite desenvolver um ensino de geografia que auxilie a formar alunos sujeitos de seu conhecimento, capazes de relacionar diferentes conceitos e conteúdos com uma visão crítica; cidadãos e problematizadores da sua ação nos diferentes espaços onde atua.

5. CONCLUSÕES

O mundo atual impõe imensos desafios aos jovens: a velocidade das informações, a geopolítica entre nações, reorganização das fronteiras entre os países, a ampliação das cidades, da população e a qualidade de vida, além de mudanças no campo e no ambiente.

A escola e o ensino da Geografia têm um papel importante na formação e no desenvolvimento do aluno, pois oportunizam uma maior integração entre o seu ambiente mais restrito e o mundo do qual faz parte, favorecendo uma visão mais ampla do contexto local, ou seja, o espaço construído pelo homem, no decorrer de um processo histórico.

Essa união deve ser percebida na capacidade do aluno em refletir, de forma crítica, sobre a sociedade em que está inserido, sobre o seu papel nesse ambiente e como, muitas vezes participa e ajuda em sua construção.

No presente estudo, observa-se que os alunos conheciam os conceitos sobre o tema paisagem. Suas concepções estavam baseadas não só no senso comum, mas também no conhecimento geográfico, no momento em que foram capazes de fazer uma análise crítica do local, apontando suas características e sugerindo melhorias. Neste caso, as leituras de suas percepções sobre o ambiente escolar foram imprescindíveis para o encaminhamento de uma prática pedagógica orientadora. As observações feitas pelos alunos, suas manifestações e representações do espaço e suas características nas diversas etapas do processo servem para nortear um ensino de geografia direcionado as peculiaridades de cada época e local onde é aplicado.

Tudo isto leva o aluno a buscar um maior aprofundamento conceitual, priorizando assim, uma visão crítica e problematizadora da sua ação nos diferentes espaços onde atua.

Diante da pesquisa realizada, acreditamos que a diversidade de representações sobre o conceito de paisagem bem como das relações topofílicas apresentadas, são o ponto de partida para inclusão de uma prática pedagógica que busca sempre que possível, privilegiar as dimensões subjetivas do aluno por intermédio da valorização de sua experiência de vida e dos conhecimentos que possui e percebe sobre a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASTROGIOVANNI, Antonio C. (org.) **Apreensão e compreensão do espaço geográfico, em ensino de geografia, práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- GOULART, Ligia B. Pensando a Geografia como possibilidade de transversalizar o conhecimento: Os projetos de trabalho. In: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (org.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2003. p. 161–168.
- REGO, Nelson. Apresentando um pouco do que sejam ambiências e suas relações com a geografia e educação. In: REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, Álvaro (org.). **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2000.
- REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, Álvaro. O ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora. In: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (org.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2003. p. 275–310.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SUERTEGARAY, Dirce. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, Dirce; BASSO, Luís Alberto; VERDUM, Roberto (org.). **Ambiente e lugar no urbano: a Grande Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2000, p. 13-34.
- TUAN, Y. F. **A Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. P. 143-164.
- _____. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1980.
- _____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.